

MIA COUTO

# Contos do nascer da Terra

5ª reimpressão



## Sumário

O não desaparecimento de Maria Sombrinha .....	9
A viagem da cozinheira lagrimosa (*) .....	15
A última chuva do prisioneiro .....	23
A gorda indiana .....	31
A menina, as aves e o sangue .....	39
A filha da solidão .....	45
Lágrimas para irmãos siameses (*) .....	53
O último voo do tucano .....	61
A luvezinha (primeira estória para a Rita) .....	69
Velho com jardim nas traseiras do tempo .....	75
O viúvo .....	81
A menina sem palavra (segunda estória para a Rita) .....	89
O derradeiro eclipse .....	95
A carteira de crocodilo .....	103
Falas do velho tuga .....	109
Governados pelos mortos (fala com um descamponês) .....	119
O indiano dos ovos de ouro .....	125
O baralho erótico .....	133
A casa marinha .....	141

Os negros olhos de Vivalma.....	149
Gaiola de moscas (*).....	155
O homem da rua.....	165
O general infanciado.....	173
Rungo Alberto ao dispor da fantasia.....	181
O despertar de Jaimão.....	187
Raízes (*).....	195
O fintabolista.....	201
A viúva nacional.....	209
A sentença do fogo (*).....	217
Miudádivas, pensatemos.....	227
O chão, o colchão e a colchoa.....	233
A palmeira de Nguézi (*).....	241
Cataratas do céu.....	249
Ossos.....	255
O coração do menino e o menino do coração.....	261
Glossário.....	267

---

**Nota:** A maior parte dos contos deste livro foi publicada em jornais e revistas desde inícios do ano de 1996 e o corrente ano. Contudo, o autor alterou a quase totalidade desses textos. E acrescentou uma dezena de histórias inéditas (assinaladas com asterisco), alicerçadas no quotidiano desse país que, para além de uma língua comum, exhibe uma identidade bem própria no domínio da cultura e da criatividade literária.

O não desaparecimento  
de Maria Sombrinha

*Afinal, quantos lados tem o mundo  
no parecer dos olhos do camaleão?*

Já muita coisa foi vista neste mundo. Mas nunca se encontrou nada mais triste que caixão pequenino. Pense-se, antemanualmente, que esta estória arrisca conter morte de criança. Veremos a verdade dessa tristeza. Como diz o camaleão — em frente para apanhar o que ficou para trás.

Deu-se o caso numa família pobre, tão pobre que nem tinha doenças. Dessas em que se morre mesmo saudável. Não sendo pois espantável que esta narração acabe em luto. Em todo o mundo, os pobres têm essa estranha mania de morrerem muito. Um do mistérios dos lares famintos é falecerem tantos parentes e a família aumentar cada vez mais. Adiante, diria o camaleonino réptil.

A família de Maria Sombrinha vivia em tais misérias, que nem queria saber de dinheiro. A moeda é o grão de areia esfluindo entre os dedos? Pois, ali, nem dedos. Tudo começou com o pai de Sombrinha. Ele se sentou,

uma noite, à cabeceira da mesa. Fez as rezas e olhou o tampo vazio.

— *Eh pá, esta mesa está a diminuir!*

Os outros, em silêncio, balancearam a cabeça, em hipótese.

— *Vocês não estão a ver? Qualquer dia não temos onde comer.*

Ao se preparar para dormir, apontou o leito e chamou a mulher:

— *Esta cama cada dia está mais pequena. Um dia desses não tenho onde deitar.*

Debateram o assunto, timidamente, com o pai. Sugeriram que a razão pudesse ser inversa: o mundo é que estava a aumentar, encurralando a aldeiazinha. Fosse o caso dessa suposição, a aldeia estaria metida em vara de sete camisas. Mas o velho não arredou ideia. Casmurrou contra argumento alheio, ancorado na teima dele.

Por fim, sua visão minguante aconteceu com Sombrinha. Ele via o tamanho dela se acanhar, mais e mais pequenita. E se queixava, pressentimental:

— *Esta menina está-se a enxugar no poente...*

Todos se riam. O pai cada vez piorava. Face ao riso, o homem se remeteu à ausência. Se transferiu para as traseiras, se anichou entre desperdício e desembrulhos. A filha ainda solicitou comparência do mais velho.

— *Deixe o seu pai. Lá onde está, ele não está em lugar nenhum.*

Valia a pena sombrear a miúda, minhocar-lhe o juízo? Mas Sombrinha não deixou de rimar com a alegria.

Afinal, era ainda menos que adolescente, dada somente a brinciações. Sendo ainda tão menina, contudo, um certo dia ela se barrigou, carregada de outrem. Noutros termos: ela se apresentou grávida. Nove meses depois se estreava a mãe. Sem ter idade para ser filha como podia desempenhar maternidades?

A criancinha nasceu, de simples escorregão, tão minusculinha que era. A menina pesava tão nada que a mãe se esquecia dela em todo o lado. Ficava em qualquer canto sem queixa nem choro.

— *Essa menina só para quieta!* — queixava-se Sombrinha.

Deram o nome à menininha: Maria Brisa. Que ela nem vento lembrava, simples aragem. Dona mãe ralhava, mas sem nunca fechar riso, tudo em disposições. Até que certa vez repararam em Maria Brisa. Porque a barriguinha dela crescia, parecia uma lua em estação cheia. Sombrinha ainda devaneou. Deveria ser um vazio mal digerido. Gases crescentes, arrotos tontos. Mas depois, os seios lhe incharam. E concluíram, em trememente arrepição: a recém-nascida estava grávida! E, de facto, nem tardaram os nove meses. Maria Brisa dava à luz e Maria Sombrinha ascendia a mãe e avó quase em mesma ocasião. Sombrinha passou a tratar de igual seus rebentinhos — a filha e a filha da filha. Uma pendendo em cada pequenino seio.

A família deu conta, então, do que o pai antes anunciara: Sombrinha, afinal das contas, sempre se confirmava regredindo. De dia para dia ela ia ficando sempre menorzita. Não havia que iludir — as roupas